

CAPÍTULO I

Não era possível dar um passeio naquele dia. A verdade é que de manhã tínhamos andado durante uma hora pela mata desfolhada, mas depois do jantar (Mrs Reed, quando não tinha companhia, jantava cedo) o vento glacial de Inverno arrastara nuvens tão carregadas e uma chuva tão forte que tivemos de renunciar a qualquer exercício ao ar livre.

Fiquei contente: gostava pouco dos longos passeios, especialmente nas frias tardes de Inverno. O regresso, no crepúsculo gelado, tornava-se-me particularmente desagradável; pés e mãos eram uma chaga de frieiras; e o meu coração sofria com os ralhos da criada, Bessie, e sentia-me humilhada pela minha inferioridade física diante de Eliza, de John e de Georgiana Reed.

Eliza, John e Georgiana estavam agora na sala de visitas em roda da mãe. Estendida num sofá ao pé da lareira, com os seus queridos em volta, esta parecia completamente feliz, pois havia tréguas nos choros e nas quezílias. Quanto a mim, tinha-me dispensado de fazer parte do grupo, dizendo que sentia muita pena de se ver forçada a afastar-me, mas que enquanto Bessie lhe não garantisse que eu fazia todos os esforços para ter um carácter mais franco e maneiras mais naturais ou, pelo menos, enquanto ela própria não se certificasse disso, via-se obrigada a tirar-me as regalias de que gozam as crianças felizes e conformadas com a sua sorte.

— Que disse a Bessie que eu tinha feito? — perguntei.

— Jane, não gosto de espíões. E depois não me parece decente que uma criança esteja a interrogar uma pessoa crescida. Sente-se aí em qualquer parte e, enquanto não souber dizer coisas agradáveis, esteja calada.

A salinha de pequeno-almoço comunicava com aquela sala. Refugiei-me ali, onde havia uma estante; peguei num livro com gravu-

ras e, trepando ao parapeito da janela, acocorei-me comodamente à turca, depois de ter corrido a cortina vermelha de lã, para ficar escondida por completo.

Os panejamentos pesados do reposteiro escarlate fechavam-me o horizonte à direita; à esquerda, os vidros protegiam-me, mas sem me afastarem da triste tarde de Novembro. De quando em quando, ao virar uma página do livro, punha-me a estudar a tarde de invernã. Ao longe, um recanto onde o nevoeiro se confundia com as nuvens; mais perto, um canteiro encharcado, os arbustos sacudidos pela tempestade; e a chuva contínua batida por longas e tristes rajadas de vento.

Depois outra vez o livro. Era a *História das Aves Britânicas*, de Bewick². Evidentemente que o prefácio, em geral, não me interessava; no entanto, por muito jovem que fosse, não podia deixar de ler certas páginas da introdução. Eram as que falavam nos ninhos das aves marinhas, nas «rochas e promontórios solitários» que só elas habitam, na costa da Noruega, semeada de ilhas, como Lindenness ou Naze, desde o extremo meridional ao Cabo Norte:

Onde o Mar do Norte, em vastos abismos,
Referve em torno das inóspitas ilhas melancólicas
Da longínqua Túlia; e as ondas do Atlântico em fúria
Se lançam por entre as tempestuosas Hébridas.

Nem podia ignorar a sugestão das costas desertas da Lapónia, Sibéria, Spitzbergen, Nova Zembla, Islândia, Gronelândia, com «a vasta extensão da zona ártica e aquelas solitárias e tristes regiões — aquela reserva de neve e geada, onde sólidos campos de gelo, uma secular acumulação de Invernos, refulgindo nas alturas, camada sobre camada, circunda o pólo e concentra a imensa dureza do frio extremo». Eu tinha a minha própria ideia destes brancos reinos de morte: vaga, como todas as noções mal compreendidas que erram turvas nas cabeças das crianças, mas particularmente impressionante. As palavras das páginas introdutórias ligam-se às vinhetas das seguintes e dão sentido à rocha que se ergue sobre um mar de vagalhões e salpicos; ao barco desfeito encailhado numa costa despovoadã; à Lua fria e espectral que, através de uma barreira de nuvens, brilha sobre um navio que se afunda.

Não sei dizer que sentimento assombrou o cemitério abandonado e a sua lápide; os seus portões, as duas árvores, o seu breve horizonte, cercado por um muro em ruínas, e o crescente que subia no céu, confirmando o anoitecer.

Os dois barcos serenaram no mar adormecido, julgo que se tornaram fantasmas marinhos.

Passei rapidamente pelo demónio preso à trouxa do ladrão: era um motivo de terror.

E também a coisa preta, com cornos, sentada distraidamente numa rocha, passando em revista a multidão distante que rodeava a força.

Cada imagem contava uma história, muitas vezes misteriosa para o meu entendimento subdesenvolvido e para a minha sensibilidade imperfeita, mas ainda assim capaz de me interessar profundamente: interessar tanto como os contos de Bessie nalgumas noites de Inverno, quando estava para aí virada; ou como quando passava a ferro no quarto das crianças e nos deixava sentar à beira da lareira e, enquanto dava forma aos folhos rendados de Mrs Reed e alisava as bainhas da sua camisa de noite, saciava a nossa atenção com passagens de amor e aventura de velhos contos de fadas e baladas ainda mais antigas ou (descobri mais tarde) com excertos de *Pamela*³ e *Henry, Earl of Moreland*.

Com o Bewick sobre os joelhos, sentia-me feliz; feliz à minha maneira, entenda-se. Só receava que me interrompessem, e foi o que aconteceu daí a pouco. A porta da sala abriu-se:

— Uu-uu! Senhora amuada! — gritou a voz de John Reed. Depois calou-se, ao ver a sala vazia.

— Onde diabo está ela? — continuou. — Lizzy! Georgy! (Chamava as irmãs.) Jane não está aqui. Digam à mamã que ela deve andar à chuva, a sarna!

«Que bom eu ter puxado o reposteiro», pensei, esperando ansiosa que ele não descobrisse o meu esconderijo. John Reed não o teria com certeza descoberto sozinho, pouco esperto como era, mas Eliza chegou à porta e disse prontamente: — Deve estar metida na janela, Jack.

Saí imediatamente, receosa de que o referido Jack me quisesse tirar dali.

— Que é que quer? — perguntei timidamente.

— Diz «que é quer, menino Reed?» — foi a resposta.

— Quero que venhas aqui — e, sentando-se numa poltrona, fez um gesto para que me aproximasse dele.

John Reed era um rapazote de catorze anos, mais quatro do que eu, que contava apenas dez; alto e corpulento em excesso para a idade, com uma pele amarelada e baça, feições grosseiras numa cara muito larga, os membros pesados e as extremidades enormes. À mesa, tinha o hábito de se atulhar de comida, o que lhe atacava a bÍlis e lhe fazia os olhos turvos e remelosos e as faces moles. Devia estar no colégio, mas a mãe

tinha-o em casa a passar um ou dois meses, «por causa da sua saúde delicada». Porém, Mr Miles, seu professor, afirmava que ele passaria otimamente se lhe enviassem menos bolos e doçarias de casa, mas o coração da mãe discordava de opinião tão severa e vivia na doce ilusão de que o mau parecer do filho provinha do excesso de trabalho e talvez das saudades dos seus.

John não tinha grande afeição pela mãe e pelas irmãs; mas por mim tinha uma antipatia evidente. Perseguiu-me e castigava-me, não uma ou outra vez por semana, não uma ou outra vez por dia, mas continuamente. Todos os meus nervos vibravam, toda a minha carne se contraía quando ele se aproximava. Havia até momentos em que o terror se apossava de mim, pois não tinha nenhuma defesa contra as suas ameaças ou injúrias. Os criados não gostavam de ofender o menino, tomando o meu partido contra ele, e Mrs Reed mantinha-se surda e cega; nunca o via bater-me ou atormentar-me, embora ele às vezes o fizesse na sua presença; mas fazia-o quase sempre nas suas costas.

Como normalmente lhe obedecia, caminhei para ele. Durante dois ou três minutos pôs-se a deitar-me a língua de fora tanto quanto podia. Eu sabia bem que ele me ia bater dentro em pouco e, embora temesse o golpe, não podia deixar de pensar no aspecto repugnante e vil de quem me ia agredir. Não sei se ele leu esse pensamento na minha cara, mas, de repente, sem uma palavra agrediu-me vigorosamente. Cambaleei; reequilibrei-me, porém, pouco depois e recuei alguns passos.

— Toma, pelo descaramento com que respondeste há pouco à mamã — disse ele — e pelas tuas maneiras sonsas de te esconderes atrás do reposteiro, e pelo teu olhar de há pouco, minha ratazana!

Acostumada como estava às injúrias de John Reed, não pensei sequer em responder-lhe; limitei-me a preparar-me para receber o murro que acompanharia certamente o insulto.

— Que fazia atrás do reposteiro? — perguntou ele.

— Lia.

— Mostre-me o livro.

Fui buscá-lo ao peitoril da janela.

— Não tem o direito de pegar nos nossos livros; é uma protegida, disse a mamã; não tem dinheiro; o seu pai não lhe deixou nada; devia andar a pedir esmola e não viver aqui com filhos de gente fina, como nós, nem devia comer o mesmo que nós, nem andar vestida à custa da mamã. E agora vou ensiná-la a não mexer mais na minha biblioteca, que é *minha*; toda a casa é minha, ou sê-lo-á dentro de alguns anos. Saia daqui. Vá para o pé da porta, longe dos espelhos e das janelas.

Obedeci, sem pensar qual a sua intenção, mas logo que o vi erguer o livro e apontar-mo, dei um salto instintivamente, soltando um grito, mas não com a ligeireza necessária. O livro vinha já pelo ar e atingiu-me. Caí e, batendo com a cabeça contra a porta, feri-a. O golpe começou a sangrar, a dor era violenta; mas o meu terror tinha passado; outros sentimentos se lhe sucediam.

— Mau! Cruel! — gritei. — Assassino! Negreiro! Imperador romano!

Eu lera a *História de Roma*, de Goldsmith, e tinha a minha opinião acerca de Nero, de Calígula, etc. Para mim mesma, em silêncio, já tinha feito as minhas comparações, sem nunca pensar em expô-los publicamente.

— Quê!? Quê!? — berrou ele. — Que é que ela diz? Ouviste-a, Eliza? E tu, Georgiana? Vou fazer queixa à mamã, mas, primeiro...

Correu para mim: senti-me agarrada pelos cabelos e pelos ombros. Aproximara-se de um ser desesperado. Eu via-o como um verdadeiro tirano: um assassino. Senti que gotas de sangue me caíam da ferida pelo pescoço; as dores eram horríveis; tão horríveis que dominaram o meu terror; recebi-o frenética. Não sei bem o uso que fiz das mãos, mas ele gritava: «Ratazana, ratazana!» e pedia socorro. O socorro não estava longe. Eliza e Georgiana tinham corrido em busca de Mrs Reed, que estava no andar de cima e não tardou a chegar, acompanhada por Bessie e por Abbot, a criada. Separaram-nos e proferiam frases como estas:

— Meu Deus! Atirar-se com tal fúria ao menino John!

— Onde é que já se viu um monstro destes?!

— Levem-na para o quarto vermelho e fechem-na — acrescentou Mrs Reed. Quatro mãos caíram imediatamente sobre mim e fui levada para o andar de cima.